

Productive quintais: contribution to food safety and sustainable development of rural women in RS – Brazil**Quintais produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável das mulheres rurais no RS – Brasil**

Recebimento dos originais: 10/07/2018

Aceitação para publicação: 22/08/2018

Mirian Fabiane Strate

Mestre em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Instituição: Fundação Agrícola Teutônia (FAT)

Endereço: Rua Asido Dreyer, 154, Teutônia- RS, Brasil

E- mail: mirianfabiane@gmail.com

Sonia Maria da Costa

MBA em Administração Pública UNINTER

Instituição: Gestora pública Prefeitura Municipal de Constantina - RS, Brasil

Endereço: Av. Amândio Araújo, 1193, Constantina - RS, Brasil

E- mail: soniamaria.8@hotmail.com

RESUMO

Os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra, consistem em uma combinação de espécies florestais, agrícolas, medicinais e ornamentais, ao redor da residência. Tradicionalmente, o manejo e cuidado destes quintais é atribuído a mulher, bem como o processamento dos alimentos consumidos pela família. A modernização conservadora da agricultura, transforma as práticas agrícolas mais tradicionais que garantem a manutenção dos integrantes da família incorporando os pacotes tecnológicos próprios da Revolução Verde. Conforme as novas tecnologias adentravam às lavouras e aos espaços rurais, as mulheres foram relegadas à esfera doméstica, reforçando sua exclusão dos sistemas produtivos (lavoura e mercados). Neste contexto, este artigo dialoga com mulheres rurais, para avaliar os quintais produtivos e sua contribuição para a segurança alimentar e nutricional, evidenciando a importância da mulher para o desenvolvimento sustentável, em dois municípios (Constantina e Teutônia) localizados em regiões geográficas diferentes do RS, Brasil. Constatou-se a enorme diversidade biológica dos quintais, que só é possível graças ao refinado trabalho de manejo realizado pelas mulheres. No entanto, de modo geral, as mulheres ainda não dominam a relação com o mercado, o que se expressa na baixa diversidade dos canais de comercialização acessados (feiras, pontos de venda, mercados institucionais). Com os dados obtidos, espera-se subsidiar debates sobre políticas públicas voltadas especificamente às mulheres rurais, a exemplo de serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural, crédito rural e incentivos para o acesso aos mercados institucionais, como forma de prover a geração de renda, autonomia, empoderamento social e preservação da agrobiodiversidade

Palavras-chave: Quintais produtivos; mulheres; autoconsumo; segurança alimentar.

ABSTRACT

Backyards are one of the oldest forms of land management, consisting of a combination of forest, agricultural, medicinal and ornamental species around the residence. Traditionally, the management and care of these yards is attributed to women, as well as the processing of food consumed by the family. The conservative modernization of agriculture transforms the more traditional agricultural practices that guarantee the maintenance of the members of the family incorporating the technological packages proper to the Green Revolution. As new technologies penetrated farms and rural areas, women were relegated to the domestic sphere, reinforcing their exclusion from productive systems (farming and markets). In this context, this article discusses with rural women, to evaluate productive farms and their contribution to food and nutritional security, highlighting the importance of women for sustainable development in two municipalities (Constantina and Teutônia) located in different geographic regions of RS, Brazil. The enormous biological diversity of backyards has been noted, which is only possible thanks to the refined management work carried out by women. However, in general, women still do not dominate the relationship with the market, which is reflected in the low diversity of the marketing channels accessed (fairs, points of sale, institutional markets). With the data obtained, it is hoped to subsidize debates on public policies aimed specifically at rural women, such as Technical Assistance and Rural Extension services, rural credit and incentives for access to institutional markets, as a way of providing income generation, autonomy, social empowerment and the preservation of agrobiodiversity

Keywords: Productive yards; women; self-consumption; food security.

1 INTRODUÇÃO

A ideia central do presente trabalho consiste em abordar o papel da mulher como agente principal no processo sócio- produtivo da agricultura familiar, uma vez que ela desempenha múltiplas funções e tarefas na organização interna das unidades produtivas e tendo no seu trabalho uma das principais estratégias de reprodução social. É a partir do estudo de uma dada localidade e do modo de vida das famílias, que se ressalta a importância da análise de um ator específico que constitui o grupo familiar, trazendo à discussão a figura e o papel desempenhado pela mulher no funcionamento da unidade em que se estabelece, se organiza e vive a família (MENASCHE, 2007).

O modelo patriarcal de família e a divisão sexual do trabalho organizam a inserção das mulheres no trabalho agrícola. Suas atividades estão relacionadas ao papel de mães, vinculadas ao trabalho doméstico e de cuidados, com a produção no quintal, da horta, do pomar e de pequenos animais. Seu trabalho no quintal não é reconhecido como trabalho, é visto como ajuda, o que promove a invisibilização das mulheres como produtoras de alimentos. O modelo hegemônico de produção, reprodução e consumo de alimentos impõe um sistema agroindustrial, dominado pelas grandes empresas do agronegócio e pelas grandes redes de supermercados. As mulheres são expulsas de regiões que produzem determinados produtos, como é o caso da soja, ou incorporadas como mão de obra intensiva e barata, principalmente na produção de frutas, flores, legumes.

A renda da agricultura familiar na comercialização de produtos, mesmo acessando os mercados institucionais, só é suficiente por causa da produção familiar para o autoconsumo. Os agricultores familiares compram poucos alimentos fora das suas propriedades, o que contribui para a soberania alimentar, pois a produção para o autoconsumo não passa pelo mercado, mesmo que este tenta desconstruir esta prática de várias formas. Uma é a ocupação dos territórios com monocultura – porque sem diversidade as famílias ficam dependentes da compra de produtos nas grandes redes de supermercado. Outra maneira é a publicidade que estimula o consumo dos produtos industrializados. Então essa prática do autoconsumo, que está muito ligada ao trabalho das mulheres, é fundamental no movimento de resistência contra o agronegócio, contra o uso do território para a produção de commodities para a exportação. É uma prática que precisamos valorizar e dar visibilidade. Neste sentido este trabalho se propõe a pensar na seguinte questão: De que forma as mulheres contribuem para a segurança alimentar, geração de renda e promovem a sustentabilidade e a heterogeneidade da agricultura familiar?

Este trabalho trata-se de um estudo comparativo que faz uso de metodologia qualitativa e quantitativa. A pesquisa foi desenvolvida em dois municípios diferentes em regiões geográficas diferentes do estado brasileiro do RS. Foram entrevistadas 25 mulheres agricultoras familiares de Constantina, situada ao norte do Estado do RS e 25 mulheres agricultoras familiares de Teutônia, situada na região central do Estado do RS. A entrevista semiestruturada abordou questões relativas ao modo de vida, produção de alimentos para o autoconsumo e participação da mulher na propriedade e vida social. Os dados foram organizados em gráficos e tabelas para comparação. Com o objetivo de realizar uma caracterização sócio econômica dos dois municípios foram utilizados dados do censo agropecuário(2006) e do censo demográfico do IBGE(2010).

2 AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL E A MERCANTILIZAÇÃO

No Brasil, o debate sobre a agricultura familiar ganha força a partir do final dos anos 1980 e início dos anos 1990, sendo que a emergência da expressão "agricultura familiar" parece ocorrer, simultaneamente, nas esferas política e acadêmica. Para Abramovay (1997) a agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de parentesco. Esta definição não é unânime e muitas vezes tampouco operacional, já que os diferentes setores sociais e suas representações constroem categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas: a definição de agricultura familiar, para fins de crédito, pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico. O importante é que estes três atributos básicos (gestão, propriedade e trabalho familiares) estão presentes em todas elas.

A modernização dos processos produtivos agrários traduz uma das dimensões em que passa a operar a mercantilização da agricultura e da vida social. Para Abramovay(1992) o período coincidente com a modernização conservadora (1965-1980) é marcado pelo aprofundamento da mercantilização da agricultura e da vida rural que, através da simplificação dos sistemas de culturas, a especialização e intensificação produtiva. Este fenômeno gera implicações diretas sobre a agricultura familiar, cenário no qual a perda de autonomia das famílias é incontestável, conferindo-lhes uma posição subordinada e cada vez mais vulnerável em relação aos mercados.

Atualmente a agricultura familiar é considerada um importante segmento agrícola no Brasil, como grande geradora de empregos no campo e responsável por uma significativa parte da produção de alimentos que abastece o mercado interno. Ela constitui a base econômica de 90% dos municípios brasileiros, responde por 38% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional e está ligada a 40% da população economicamente ativa do país, de acordo com dados do Censo Agropecuário de 2006. Os dados mostram uma estrutura agrária altamente concentrada no país, em que os estabelecimentos não familiares detêm 75,7% da área ocupada, apesar de representarem apenas 15,6% do total de estabelecimentos, ao contrário da agricultura familiar, que detêm apenas 24,3% da área, mas representa 84,4% dos estabelecimentos.

Apesar de ocupar apenas 24,3% da área total dos estabelecimentos agropecuários, a agricultura familiar é responsável por 38% do valor bruto da produção gerada, conforme dados do Censo agropecuário, a agricultura familiar do Brasil produz 87% da mandioca, 70% do feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz, 21% do trigo, 60% da produção de leite, 59% do rebanho suíno, 50% das aves e 30% dos bovinos.

Se por um lado vemos altos índices de produtividade na agricultura familiar, por outro, precisamos analisar como o acesso a mercados vem modificando o modo de vida das famílias, que passaram a produzir mercadorias, numa produção em escala. A mercantilização modifica os hábitos alimentares e de consumo das famílias que passam a dedicar menos tempo para a produção para o autoconsumo e acabam adquirindo alimentos processados em supermercados.

2 MULHERES RURAIS, PRODUÇÃO PARA AUTOCONSUMO E SEGURANÇA ALIMENTAR

No Brasil, as mulheres rurais têm uma longa trajetória de lutas para conquistar seu reconhecimento como trabalhadoras rurais e como cidadãs. Nesse percurso estão as lutas para serem aceitas como sindicalizadas, pelo acesso à previdência e à licença maternidade, para ter documentos. Essas lutas desembocaram na reivindicação por renda, o que questiona o homem como representante da família, e incluem a demanda para que as mulheres participem em todos os

momentos da produção e comercialização. Com isso, ampliaram-se as reivindicações para se ter acesso ao crédito, à assistência técnica, mas também para decidir sobre a produção e o controle da comercialização.

Nos últimos anos o debate sobre a questão da mulher rural ganha especial atenção quando os movimentos sociais da luta pela terra as reconhecem como atrizes fundamentais no resguardo da alimentação da família e na preservação de práticas tradicionais. Apesar de a temática da alimentação ser uma questão que as envolve diretamente em decorrência de uma situação histórica e cultural da divisão sexual do trabalho (SILIPRANDI, 2004). Tem-se aqui um espaço de luta das mulheres, reconhecendo a importância de seu trabalho na agricultura e na garantia de segurança alimentar da família. Entretanto, cabe perguntar de que forma tal debate favorece a questão da mulher ao valorizar seu papel na produção de alimentos. Tal questionamento projeta múltiplas alternativas para a luta das mulheres no meio rural, sendo possível especular possibilidades que a disputa por soberania alimentar podem trazer concretamente para elas.

A temática da segurança alimentar e nutricional é um tema recente no Brasil e tem relação direta com a agricultura familiar. Desde a década de 1990, o governo brasileiro tem buscado (por meio de programas e políticas de desenvolvimento) mecanismos não somente para saciar a fome, a inanição e a desnutrição alimentar, mas iniciativas que visam à segurança alimentar, com garantias da qualidade dos produtos, da distribuição, de mecanismos de acesso aos alimentos e, principalmente, do desenvolvimento local focado na agricultura familiar.

Autoconsumo compreende toda a produção realizada pela família e destinada ao seu próprio consumo, incluindo os produtos de origem animal, os produtos oriundos das lavouras permanentes e temporárias, da silvicultura, da floricultura, da extração vegetal e da agroindústria doméstica. Para Grisa e Schneider (2008), a produção para o autoconsumo desenvolve importante papel como renda não monetária, que fortalece a segurança alimentar, abordando questões de sociabilidade e de identidade social. O autoconsumo tem uma função de preservação da cultura, práticas são repassadas de pais para filhos, em sinergia com as condições socioambientais e a própria história local, muito mais que produção de alimentos, trata-se de uma produção de identidades.

Segundo Gazolla e Schneider (2007, p. 98), “*o autoconsumo é a esfera da unidade doméstica que vai dar a base e o lastro para que haja a diversificação das estratégias de vivência na agricultura familiar*”. Com essa citação, os autores expõem que com o fortalecimento da produção de autoconsumo na propriedade, os membros poderão desenvolver outras atividades dentro da propriedade para obtenção de outras fontes de renda. Assim, sem o autoconsumo, a renda e as atividades que eram desenvolvidas com a produção de autoconsumo, serão gastas para a

aquisição de mercadorias, pagando os preços de mercado, os itens necessários para o consumo alimentar do grupo doméstico.

Os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra, consistem em uma combinação de espécies florestais, agrícolas, medicinais e ornamentais, algumas vezes associados à pequena criação de animais domésticos, ao redor da residência. Tradicionalmente, o manejo e cuidado destes quintais é atribuído a mulher, bem como o processamento dos alimentos consumidos pela família. Práticas alimentares como a produção para o autoconsumo, são desenvolvidas pelas mulheres e historicamente vem contribuindo para a segurança alimentar. A agrobiodiversidade encontrada nos quintais, constitui uma estratégia de preservação de espécies e seu patrimônio genético, além de possibilitar a reprodução das práticas alimentares, contribuindo para a sociobiodiversidade.

3 MULHERES AGRICULTORAS FAMILIARES NO RS, ENTRE A MERCANTILIZAÇÃO E A SEGURANÇA ALIMENTAR

Este artigo dialoga com mulheres rurais, para avaliar os quintais produtivos e sua contribuição para a segurança alimentar e nutricional, investigando a importância da mulher para o desenvolvimento da agricultura sustentável, em dois municípios localizados em regiões geográficas distintas, que foram caracterizados com dados do Censo agropecuário 2006 e Censo demográfico de 2010.

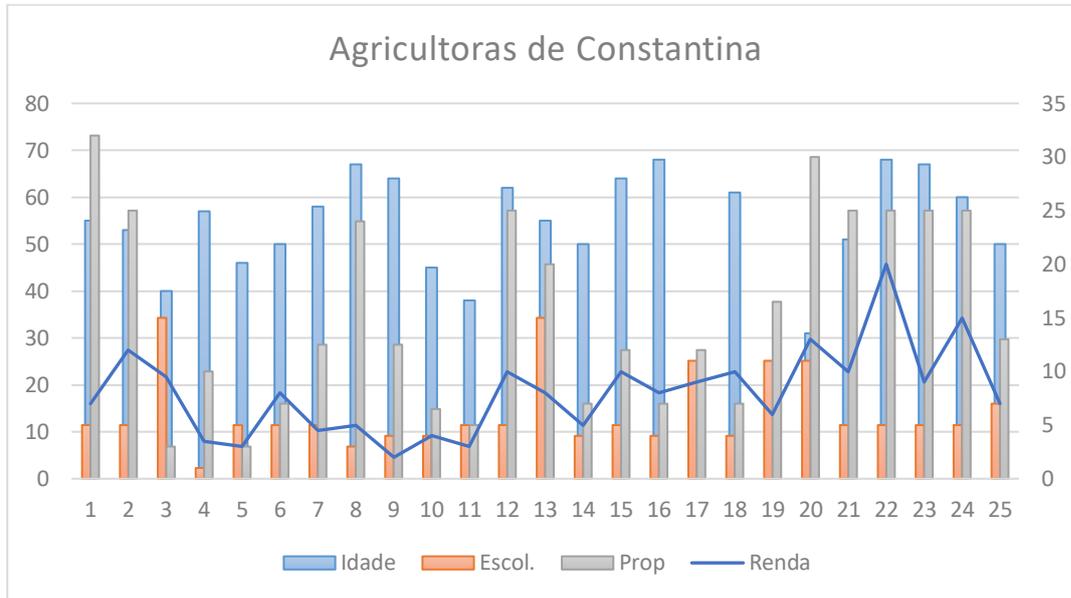
Tabela 1. Dados sócio econômicos de Constantina e Teutônia

	
<p>CONSTANTINA</p> <p>População Total (2016) 10.109 habitantes</p> <p>Área (2015) 203,0 km²</p> <p>Densidade Demográfica (2013) 48,3 hab/km²</p> <p>Domicílios rurais (2010) 888</p> <p>Pessoas ocupadas na agricultura -3005</p> <p>Taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais (2010) 8,26 %</p> <p>Expectativa de Vida ao Nascer (2010) 78,12 anos</p> <p>Coefficiente de Mortalidade Infantil (2014) 8,70 por mil nascidos vivos</p> <p>PIB (2014) R\$ 236.362,76 (mil)</p> <p>PIB per capita (2014) R\$ 23.434,74</p> <p>Valor adicionado da agricultura – 59%</p>	<p>TEUTÔNIA</p> <p>População Total (2016) 31.220 habitantes</p> <p>Área (2015) 178,5 km²</p> <p>Densidade Demográfica (2013) 160,5 hab/km²</p> <p>Domicílios rurais(2010) -1282</p> <p>Pessoas ocupadas na agricultura 2678</p> <p>Taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos mais (2010) 2,00 %</p> <p>Expectativa de Vida ao Nascer (2010) 76,31 anos</p> <p>Coefficiente de Mortalidade Infantil (2015) 4,76 por mil nascidos vivos</p> <p>PIB (2014) R\$ 1.029.924,03 (mil)</p> <p>PIB per capita (2014) R\$ 34.558,89</p> <p>Valor adicionado da agricultura 24%</p>

Fonte: Das autoras(2017), baseado em dados do IBGE (Censo agropecuário 2006, PNAD 2014, Censo demográfico de 2010)

Podemos perceber que o município de Teutônia, embora mais jovem, é mais populoso, porém o número de pessoas ocupadas na agricultura é menor, assim a expressão da agricultura no valor adicionado é menor que o de Constantina, mesmo tendo um PIB/per capita maior, o que se atribuiu ao processo de urbanização do município e troca do trabalho agrícola pelo urbano.

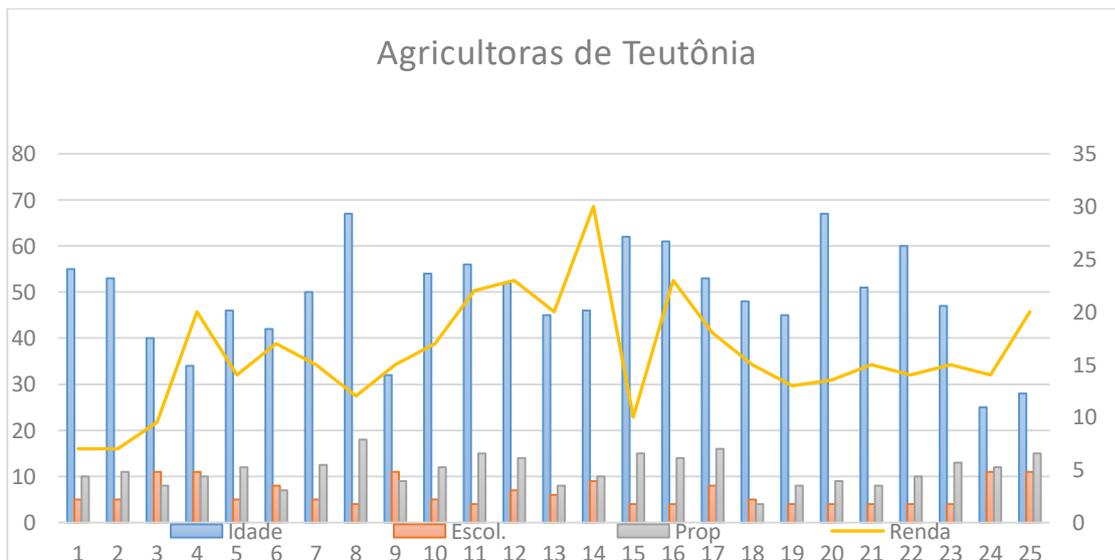
Gráfico 1. Perfil sócio econômico das agricultoras de Constantina (idade x escolaridade x tamanho da propriedade x renda)



Fonte: Das autoras(2017)

As 25 agricultoras entrevistadas possuem idades entre 28 e 68 anos, sua escolaridade média é ensino fundamental incompleto e renda média entre R\$ 1.000,00 a R\$2.000,00/mês. Em sua maioria vive na propriedade a mais de 10 anos, o tamanho médio da propriedade variando entre 12 a 25 ha, possuem rendas não agrícolas agregadas a renda familiar.

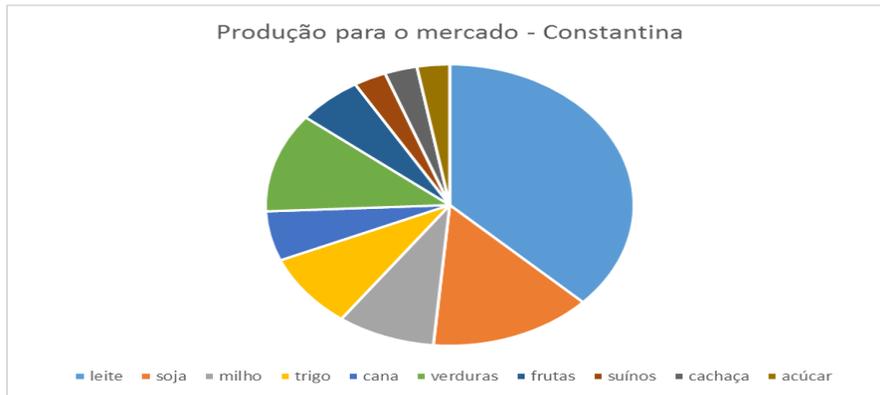
Gráfico 2. Perfil sócio econômico das agricultoras de Teutônia (idade x escolaridade x tamanho da propriedade x renda)



Fonte: Das autoras(2017)

As 25 agricultoras entrevistadas possuem idades entre 19 e 68 anos, sua escolaridade média é ensino fundamental incompleto, porém um número maior de agricultoras com ensino médio, renda média entre R\$ 1.000,00 a R\$10.0000,00/mês. A maioria vive na propriedade a mais de 10 anos, o tamanho médio da propriedade variando entre 8 a 18 ha, possuem rendas não agrícolas agregadas a renda familiar.

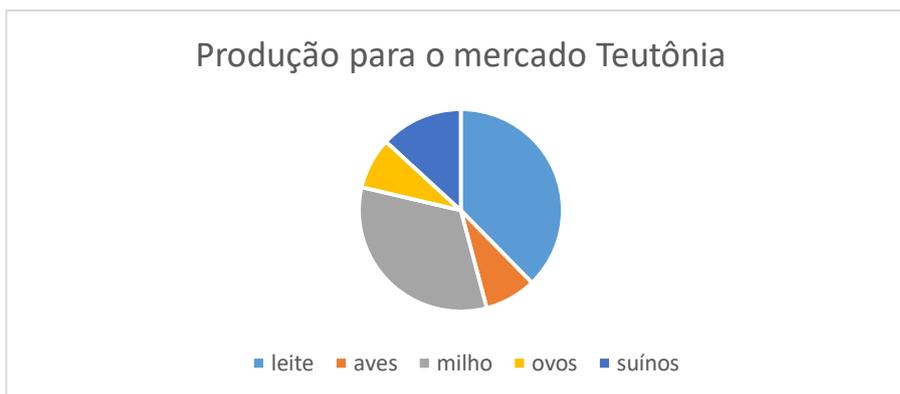
Gráfico 3. Produção para o mercado Constantina(tipo de produção)



Fonte: Das autoras(2017)

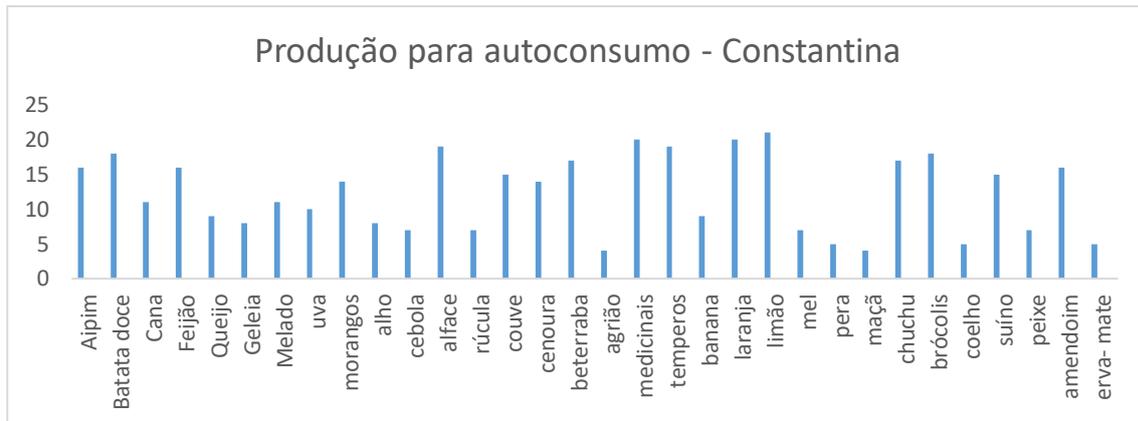
Podemos perceber que em Constantina existe maior heterogeneidade e diversificação da produção na agricultura familiar, através do processo de agroindustrialização, com um número menor de agricultores integrados a cadeias de produção agroindustrial.

Gráfico 4. Produção para o mercado Teutônia (tipo de produção)

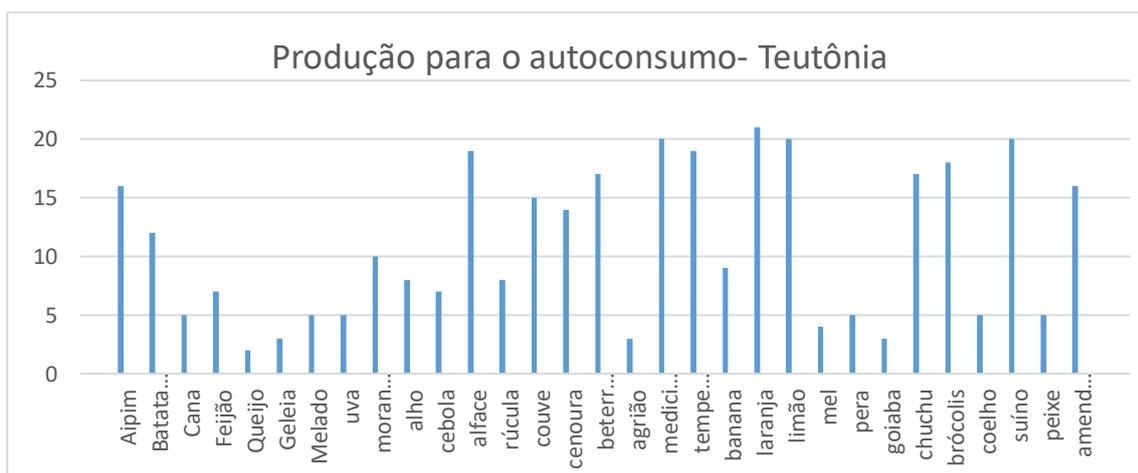


Fonte: Das autoras(2017)

A agricultura de Teutônia é mais especializada e menos diversificada, com destaque para os sistemas de integração vertical, através das cooperativas agroindustriais, com plena integração aos mercados e menor autonomia dos agricultores sobre os recursos de sua propriedade, que fazem da produção de mercadorias em escala sua atividade econômica.

Gráfico 8. Produção para o autoconsumo Constantina, (alimentos/número de x que foi citado)

Fonte: Das autoras(2017)

Gráfico 9. Produção para o autoconsumo Teutônia (alimentos/número de x que foi citado)

Fonte: Das autoras(2017)

Comparando os alimentos citados pelas mulheres na produção para o autoconsumo, podemos observar que em ambos municípios foram citadas muitas variedades de plantas e animais, ou seja, existe agrobiodiversidade. Em Constantina, muitos dos alimentos foram citados por um número maior de mulheres, o que evidencia uma preocupação maior por parte destas agricultoras. Em ambos municípios as mulheres são responsáveis pela produção para o autoconsumo, algumas citaram a participação de mais integrantes da família, como filhos e marido. A produção para o autoconsumo é uma prática desenvolvida há muitos anos nas propriedades rurais.

Podemos perceber nas entrevistas, que existe uma preocupação com a segurança alimentar e uso de agrotóxicos, embora algumas mulheres citarem o uso de agrotóxicos em lavouras cuja produção é comercializada ou serve de insumo para produção para o mercado. A preocupação com os agrotóxicos foi relatada em praticamente todas as entrevistas.

“Antigamente era tudo mais saudável hoje tem veneno. No geral comem com veneno, estamos rodeados pelo veneno...a gente cuida mas muitos não ...o agrotóxico fica no ar.” (Agricultora de Constantina)

Neste contexto, é importante lembrar que conforme dados da Agência Nacional de vigilância em saúde (ANVISA, 2013), 64% dos alimentos no Brasil estão contaminados por agrotóxicos, sendo que cada brasileiro consome 5,2 litros/ano, entre os anos de 2000 a 2012, o consumo de agrotóxicos no país teve um crescimento de 288%.

“Sabemos o que temos na horta, e quando colocamos na mesa, podemos comer sem preocupação de possuir veneno...”. (Agricultora de Teutônia)

Neste contexto, é importante destacar que o alimento é um elemento cultural, e mesmo no meio rural existe o efeito das propagandas das indústrias de alimentos, que exercem influência principalmente sobre as gerações mais jovens, como aparece na narrativa de uma agricultora:

“Hoje muitos agricultores preferem ir no mercado e comprar, tem vizinho que não planta nenhum pé de alface e cebolinha, é uma vergonha estar no meio rural e não plantar...”. (Agricultora de Teutônia)

Entre as agricultoras de Teutônia é mais comum a compra de alimentos prontos, como linguiças, pães e cucas, que estão profundamente ligadas à cultura local, dos imigrantes alemães. As entrevistadas destacaram que em função do número elevado de vacas para ordenhar, tarefa geralmente atribuída as mulheres, não dispõe de tempo para preparar estes alimentos, no contexto da crescente mercantilização do tempo destas mulheres, observamos que práticas alimentares tradicionais, de agroindustrialização, estão sendo substituídas por produtos industrializados.

Considerando os dados informados, podemos inferir que entre 50 e 70% dos alimentos consumidos em ambos os municípios são produzidos na propriedade e que a mulher exerce um papel fundamental neste processo. Quando questionadas sobre os valores de renda bruta da propriedade e o valor do autoconsumo, verificamos que a grande maioria não tem acesso a estas informações, por não participar da gestão financeira e conseqüentemente não conseguiram mensurar os valores atribuídos ao que produzem.

Outra constatação importante é que as agricultoras de Constantina tem mais acesso aos mercados, via participação em feiras e fornecimento de alimentos para mercados institucionais, como o PNAE e PAA, além de participar de associações e coletivos, o que evidencia o seu empoderamento e protagonismo. As agricultoras de Teutônia, quase que na totalidade das entrevistadas(21/25), estão integradas ao mercado via sistema de integração vertical em uma cooperativa, que associa a família, fornecendo uma matrícula única, ou seja, não é diretamente associada, o que acarreta não ter poder de voto e participação apenas masculina do sistema de governança, demonstrando a invisibilidade desta mulher rural em processos decisórios.

No âmbito da agricultura, a divisão sexual do trabalho ocorre tal qual no meio urbano, como uma separação e hierarquização de atividades entre indivíduos. Enquanto os homens assumem atividades que estão mais ligadas à produção externa e ao comércio, como o cuidado com os animais de grande porte, o abate e a lavoura para venda, as tarefas de manutenção do ambiente doméstico são em grande parte ocupadas pelas mulheres. Por não gerar renda diretamente, o trabalho feminino acaba por ser subvalorizado. Isso implica que as mulheres sejam associadas ao campo da reprodução social e menos da produção, apesar de ambas as categorias apenas refletirem dimensões da atividade laboral, independentemente de estarem mais próximas ou menos dos proventos financeiros. Mesmo participando da cadeia produtiva, o trabalho doméstico tende a ser visto como um não trabalho e sim como uma inclinação natural para essas atividades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agricultura familiar desempenha um papel fundamental na produção de alimentos no Brasil, apesar do processo de mercantilização e integração às cadeias produtivas, as mulheres continuam, através da produção para o autoconsumo, mantendo a diversidade em seus quintais. A preocupação com a segurança alimentar faz com que produzam a maior parte dos alimentos que a família consome, o que contribui para a renda da família, mas também para a gestão dos recursos naturais, e a soberania alimentar através da conservação das sementes e plantas, bem como das práticas alimentares enraizadas culturalmente.

No entanto, evidenciou-se nesta pesquisa que as mulheres ainda não dominam a relação com o mercado, o que se expressa na baixa diversidade dos canais de comercialização acessados, além da pouca informação sobre a renda familiar e os valores dos produtos produzidos por ela mesma.

Com os dados obtidos, espera-se subsidiar debates sobre políticas públicas voltadas especificamente às mulheres rurais, a exemplo de serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural, crédito rural e incentivos para o acesso a novos mercados como forma de prover a geração de renda, autonomia, empoderamento social, heterogeneidade da agricultura, soberania e segurança alimentar e preservação da agrobiodiversidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. São Paulo: Hucitec /ANPOCSD/ UNICAMP, 1992. 275p.

ABRAMOVAY, Ricardo. Anais do seminário nacional de assistência técnica e extensão Rural. **Uma nova extensão para a agricultura familiar**. 1997.

ANVISA, Programa De Análise De Resíduos De Agrotóxicos Em Alimentos- **Relatório de atividades de 2013 a 2015**; disponível em <http://portal.anvisa.gov.br/documents/219201/2782895/Relat%C3%B3rio+PARA+Vers%C3%A3o+Final/1230de7d-306d-4249-a62c-a68708fab153>, acessado em 13/10/2017

GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. **A produção da autonomia: os “papéis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares**. Estud. Soc. Agric. Rio de Janeiro, Vol. 15, nº 1, 2007

GRISA, Catia; SCNEIDER, Sergio. **“Plantar pro gasto”**: a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. PiracicabaSP, Vol.46, nº 02; 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA –IBGE, **Censo agropecuário 2006**; disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro_2006.pdf>. Acesso em: 28 out. 2017

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA -IBGE. **Índice de produção Agropecuária Municipal**. 2015. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 28 out. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE CIDADES Censo demográfico 2010, disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/teutonia/panorama>, acessado em 13/10/2017

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE CIDADES Censo demográfico 2010, disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=430580>, acessado em 13/10/2017

MENASCHE, Renata (Org.). **A Agricultura Familiar à Mesa: Saberes e Prática da Alimentação no Vale do Taquari**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SILIPRANDI, E. Um olhar ecofeminista sobre as lutas por sustentabilidade no mundo rural. In: PETERSEN, P. (Org.) **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009, p. 139-151.